

**VEREADOR CLÁUDIO JANTA (SD) – Comunicação de Líder: Sra.**

Presidente, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, quero seguir o raciocínio que o Ver. Idenir Cecchim estava tendo, aqui na tribuna, a respeito das bancas de jornais, de revistas e de chaveiros da cidade de Porto Alegre. No projeto que nós aprovamos, eu fui me inteirar, após ter mostrado aqui, na semana passado, o absurdo que era e que é nós termos banca de revista em cima de faixa de segurança, banca de revista em que a publicidade está virada somente para uma rua, aí tu chegas nessa banca de revista e a pessoa está vendendo bolsa e outros artefatos, menos revistas e jornais. Há bancas de revistas que tiram o local da calçada, assim como produtos que estariam lá para fazer chaves, consertos, e aí tu chegas lá e não tem nada. Por que esses aparelhos lá estão? Estão lá para, exclusivamente, ter uma marca exposta, uma publicidade, que não entrou e não entra no rol do mobiliário urbano de produtos a serem licitados. Nós vamos licitar placa de rua... Eu me lembro que participei desse debate aqui a respeito do tamanho da placa de rua, queriam botar uma grande placa de rua, a gente questionou o tamanho da placa. E esses aparelhos que são públicos, fazem parte do mobiliário urbano, não estão na licitação, estão fora da licitação. Esses aparelhos são a famosa e já mantida, na cidade de Porto Alegre, troca de favores por espaços publicitários. Eu pego alguns exemplos aqui, as bancas na Rua da Praia não possibilitam o acesso do caminhão de Bombeiros. A lei diz que elas teriam que estar a 40 centímetros das calçadas e elas não cumprem essa determinação. Tem uma banca na rua Hilário Ribeiro, se não me engano, com a Padre Chagas que a banca é um *outdoor* de frente para a Rua Padre Chagas. Tu chegas ali e tem uns gibis da minha época, não tem mais nada hoje. Então, virou uma grande publicidade e isso tem que entrar na licitação do mobiliário, isso não pode ser entregue a um ou a outro, seja neste governo, seja no que virá, no governo que passou. Se nós estamos licitando todo o mobiliário da cidade de Porto Alegre, eu acredito que as bancas de revistas – líder do governo, Ver. Mauro Pinheiro – e essas casinhas de chaves também têm que entrar na licitação do mobiliário; isso tem que ser necessário. Assim como nós vamos licitar aquelas proteções de árvores, vamos licitar aquelas placas que ficam em curva, vamos licitar os *outdoors*, paradas de ônibus, placas de rua, tudo que tenha publicidade. É inadmissível que as bancas de

revistas, que os chaveiros estejam fora da licitação do mobiliário. É necessária a transparência, é necessária até a modernização.

E, entrando na questão do Parque Farroupilha, eu quero dizer para vocês que, após o nascimento da minha filha Linda Anis, eu tenho frequentado muito o parque. Depois que tive o meu filho Cássio, hoje já um homem de 24 anos, eu só havia ido ao parque aos domingos, e agora, com a Linda, eu tenho feito alguns piqueniques, tenho ido passear no parque, e realmente nós não temos banheiro. E tu vais ver que é impossibilitado construir esses banheiros. Um exemplo muito feliz que o Ver. Cecchim deu é a necessidade de nós não somente termos acesso ao parque – poder ir passear com os nossos animais, poder ir lá fazer os nossos eventos político-partidários, poder estar lá com a nossa família jogando uma bola, passeando, fazendo um piquenique –, mas podermos usar, de fato, o parque. Querer lavar as mãos e ter um espaço para lavar as mãos, não precisar lavar as mãos na água do chafariz; querer ir ao banheiro e ter um banheiro, não precisar estar em restaurantes em volta do parque pedindo para ir ao banheiro. E eu acho que nós temos que rever. E nós temos que parar com a questão de que a nossa cidade parece um balde cheio de caranguejo, se nós formos a vários... Quero me corrigir, não precisamos ir a país nenhum, se nós andarmos dentro do Brasil, nós vamos ver várias regiões portuárias que foram entregues para a cidade, isso em Rio de Janeiro, Santos, Belém, em várias cidades do Brasil, os portos foram entregues para a cidade, foram abertos para a cidade, e nós não conseguimos abrir inclusive nosso cais Mauá para a população realmente interagir com o nosso rio Guaíba. Então, são coisas que a gente fica discutindo, achando imbróglios, dificuldades onde não existem. Quando se fala em permitir construções no Farroupilha, na Redenção, são construções que irão nos ajudar, construções como banheiros, construções como espaço público, porque lá já existe, tem um parque lá dentro, tem um restaurante, no lago, que era para estar aberto, mas está fechado. (Som cortado, conforme determinação da presidência dos trabalhos.)

(Texto sem revisão final.)